



VINCULO E COMUNICAÇÃO: O NASCIMENTO DE ANTONIO

Thiago Pierangelo¹ e Maria Ribeiro²

Resumo

O presente artigo está dedicado à análise das condições de nascimento do menino Antonio sob o ponto de vista das escolhas parentais versus as determinações biopolíticas do discurso médico. Para tanto, sublinha a importância do corpo e reivindica a relevância da experiência do parto para a formação simbólica do indivíduo. Os apontamentos de Cornelius Castoriadis em torno da constituição do sujeito bem como as considerações de Norval Baitello jr. sobre as circunstâncias do corpo sedado representam o principal quadro de interlocução com o qual este trabalho trava debate. Os autores partiram do fato bruto, o nascimento do filho primogênito, em direção aos desdobramentos implicados na delegação institucional do parto.

Palavras-chave: comunicação. corpo. cultura. nascimento. vínculo.

Nascer

O fato é que Antonio nasceu no dia dezoito de junho de dois mil e quinze, passadas trinta horas desde o início do trabalho de parto. Episódio que, feito um comboio desorientado, colidiu contra todos os objetos de pesquisa, todas as trôpegas tentativas de articulação daqueles referenciais teóricos e saberes outros que emprestavam corpo às nossas especulações acerca da realidade.

Pela primeira vez — em nossa muitíssimo curta trajetória como pesquisadores —, pareceu-nos evidente a urgência de fixar o olhar sobre o fato concreto, bruto; o nascimento de um primogênito, o vir ao mundo de um ser humano. Contra o “suor do vosso, o fluxo de vossa tinta” (GRASS, 2002, p. 23), contra as histórias e teorias ditas e repetidas, a coisa³ que

¹ Mestrando pelo DIVERSITAS (Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos) vinculado a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). E-mail: tpierangelo@gmail.com.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Email: donamariaribeiro@gmail.com.

³“Se, porém, as coisas já se estivessem mostrado, como coisas, o ser coisa das coisas, a coisalidade, já se teria manifestado, já teria reivindicado e preocupado o pensamento. Na verdade, porém, a coisa, como coisa, continua vedada e proibida [...]” (HEIDEGGER, 2001, p. 148).

V o que custa o virtual?

constrange todas as predições. Um fato que, por fim, inscreveu-se num campo de indeterminação, de possibilidades arejadas, nunca pré-estabelecidas, mas espaço-temporalmente determinadas. Para o filósofo tcheco Vilém Flusser, o fenômeno concreto é capaz de reunir, em sua complexidade, o “bom e o belo sob o signo do verdadeiro” (FLUSSER, 1989, p. 1) — na ocasião, em referência à paideia grega que precedeu a nefasta compartimentalização da cultura enquanto agente produtor de subjetividade. De repente, algo absolutamente novo irrompe, uma criatura conhece seu primeiro fora; são “os recém-nascidos que ‘em meio a todos os sofrimentos e fraquezas são atravessados por uma vida imanente que é pura potência, e até mesmo beatitude” (PELBART, 2015, p.13).

Antonio nasceu em território brasileiro, no ano de dois mil e quinze, sob os auspícios do recém-lançado partograma, documento cujo objetivo é o de registrar a “história obstétrica” da mulher gestante e tem a função de dirimir intervenções desnecessárias, a maneira de uma cesariana eletiva (SAÚDE, 2015). Assim, ao decidir por uma episiotomia⁴, por exemplo, o médico deverá formalizar o procedimento bem como firmar os motivos que orientaram sua escolha. A resolução do Ministério da Saúde e da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) tem em vista a altíssima taxa de intervenções registradas por planos de saúde e pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (PORTAL BRASIL, 2015). Os números levantados indicam crianças nascidas pelas mãos de uma figura médica que, nem sempre dirigida por evidências científicas, considera determinante um conjunto de interferências realizadas no corpo da parturiente para “ajuda-la” a parir. As aspas estão devotadas àquilo que indicou Michel Foucault em diversas ocasiões. Em especial, por ocasião do seu *O Nascimento da Clínica* — obra dedicada a “[...] extrair da espessura do discurso as condições de sua história” (FOUCAULT, 1987, p.XVIII), Foucault toma nota:

[...] o corpo humano constitui, por direito de natureza, o espaço de origem e repartição da doença: espaço cujas linhas, volumes, superfícies e caminhos são fixados, segundo uma geografia agora familiar, pelo atlas anatômico. Esta ordem do corpo sólido e visível é, entretanto, apenas uma das maneiras da medicina espacializar a doença” (FOUCAULT, 1987, p. 1).

⁴“A episiotomia consiste na incisão do períneo para ampliar o canal de parto, e sua prática foi historicamente introduzida no século XVIII por Sir Fielding Ould, obstetra irlandês, para ajudar o desprendimento fetal em partos difíceis” (AMORIM, 2015). Atualmente, o procedimento é considerado de rotina, ainda que estudos desabonem sua prática indiscriminada.

V o que custa o virtual?

O que sublinha as linhas do autor é a correspondência entre o corpo humano, sua existência *tão somente física, bruta, um nascimento realizado* e o “atlas anatômico” instituído pelo listado normativo de um quadro teórico médico. Se alguma lição nos dá o trecho acima, é a de que certos discursos dragam para dentro de si o corpo nu, desvestido, exposto, dissecado em estrutura e tecidos. Um corpo tornado estranho ao próprio corpo e cujo privado modelo de funcionamento pertenceria, de modo absolutamente exclusivo, aos “oficiais de saúde” e aos núcleos institucionais por eles representados, lugares reconhecidos de fala (o hospital, a indústria farmacêutica, o manicômio etc.).

O corpo, aquele invólucro, é logo convertido em uma estrutura estranha a si mesmo, não inata, mas produzida. “Não somos mais o ágil e saltitante primata que está alerta em todas as direções do espaço” (BAITELLO jr., 2012, p.69). E o bocado *imediatamente* primata que nos restaria — o nascer biológico livre — é polido pela lima de uma certa cultura médica, ocidental, anacrônica e ignorante de si mesma⁵. É preciso escrever a “[...] história de um corpo que coloca em questão seu corpo nascido, com as suas funções e todos os órgãos, representantes das ordens, instituições, tecnologias visíveis ou invisíveis que pretendem gerir o corpo” (PELBART, 2015, p. 15). Uma vez removida a camada discursiva e coercitiva, entrevemos a singularidade, um corpo com “força de gênese” (PELBART, 2015, p.15). “É que também o bebê, como o moribundo é atravessado por *uma vida*”. Continua, alumiado pelo pensamento de Gilles Deleuze, Peter Pál Pelbart: “com o bebê só se tem relação afetiva, atlética, impessoal, vital, pois o pequeno é a sede irredutível das forças, a prova mais reveladora das forças” (PELBART, 2015, p. 13).

Antes de nos ocuparmos com o acontecimento que dá início à vida extra-uterina de Antonio será preciso observar a sociedade que o abriga — que abriga quaisquer acontecimentos bem como o menino ele mesmo e meninos outros e meninas e seres humanos *lato sensu*. A banalização do termo “complexo” sublinha, em nosso tempo, os obstáculos que impedem a compreensão imediata de algo, favorecendo os pontos cegos do nosso conhecimento e da nossa ação sobre o mundo.

⁵Ver Amorim (2015). Algumas práticas obstétricas protocolares, a exemplos do colírio de nitrato de prata e da episiotomia, são contrárias às evidências científicas que indicam uso caso a caso.

V o que custa o virtual?

Segundo o pensador da cultura Edgar Morin, a complexidade⁶ — exigente de um esforço de contextualização para que deixe de ser uma “palavra problema” e passe a ser uma “palavra solução”⁷ — é um déficit do pensamento binário. Quer dizer, em linhas bastante gerais, que as coisas sucumbem diante do “ou isso ou aquilo”, simplesmente, por serem as coisas irreduzíveis ao nosso ímpeto classificatório. Ainda de acordo com o autor, deveríamos abandonar uma abordagem “de forma reduitiva” (MORIN, 1995, p. 71) e orientar nossa observação para um sistema formado pelo todo, pelas partes e por suas relações mútuas; um exercício que renunciaria à polarização, à série hierárquica e à exposição dicotômica dos fatos que narram a aventura do mundo.

A indeterminação que caracteriza o nascimento de um filho não significa, de modo algum, um estado de carência, de negação, de falta, mas “um vazio cheio de todo o possível” (VARGAS, 2013, p. 2). Ou ainda, como proferiu o teólogo, filósofo e cientista Giordano Bruno “a matéria, por ser em ato tudo o que pode ser, tem todas as medidas, todas as espécies, figuras e dimensões” (BRUNO, 2004, p. 117). Mais adiante, na mesma obra, escreveu que “à matéria, somente restaria ser uma potência a qual falta determinação (...) como a mulher grávida está sem sua prole, que ela produz e retira de si mesma” (BRUNO, 2004, p. 119). As afirmações de Bruno servem de lastro para a constatação de que o ser humano nasce biológico (uma potência, um “embrião) e sofre, mais tarde, um processo de hominização (a determinação, um feto, um humano *culto* ou que foi *cultivado*⁸). Certa maneira, a visada material do pensador do Quinhentos favorece um campo de possíveis relativamente independentes pois devolve ao corpo físico, à experiência de um singular, o núcleo duro do conhecimento.

O fenômeno do nascimento de Antonio parece, então, conectar as reflexões do pensador do século XVI — e seus apontamentos sobre a materialidade do mundo — à

⁶“O pensamento complexo, longe de substituir a ideia de desordem por aquela de ordem, visa colocar em dialógica a ordem, a desordem e a organização” (MORIN, 2000, p. 199).

⁷ Aula *Qu'est-ce que la complexité?* do curso online *L'avenir de la décision : connaître et agir en complexité*, da ESSEC Business School através da plataforma COURSERA. Disponível em <https://www.coursera.org/learn/lavenir-de-la-decision>

⁸Nós [seres humanos] chegamos ao mundo pelo nascimento e vivemos nele desde os primórdios. Ao mesmo tempo, aos homens é dada a possibilidade de abrir caminhos no mundo; no mundo formado, regrado e pleno de significados [...] (GEBAUER; WULF, 2004, p. 13).

V cult

o que custa o virtual?

inquietante questão lançada pelo filósofo Cornelius Castoriadis. Em seu *A crise do processo de identificação*, o autor propõe o seguinte reparo: como não negligenciar “(...) a importância do meio e dos laços familiares, seu papel capital, decisivo, para a hominização do pequeno monstro recém-nascido?” (CASTORIADIS, 2002, p.146). Semelhante anteparo familiar será parte fundamental do processo de identificação, juntamente com outras entidades socialmente instituídas, tais como a habitação, a escola, o trabalho etc. (CASTORIADIS, 2002, p.146). “Cria-se, com a casa, uma cápsula de aconchego e proteção do clã familiar, com o cultivo da proximidade e da intimidade” (BAITELLO jr., 2012, p.47). Assim, viveríamos atados à memória do interior materno, a “[...] cápsula uterina protetora, sem as interpéries e o vento [...]”, desejosos de repatriação (BAITELLO jr., 2012, p. 47). Impossibilitados, investimos em nós simbólicos, os mesmos que nos permitem a autorrealização como indivíduos; fazendo existir formas outras, alternativas à formação simbiótica de origem (CASTORIADIS, 2002, p. 126).

O “eu sou alguma coisa” do indivíduo — cidadão ateniense, comerciante florentino ou outro —, que dissimula para si mesmo o abismo psíquico sobre o qual ele vive, só é reconhecível e, sobretudo, só tem sentido e conteúdo com referência às significações imaginárias e à constituição do mundo (natural e social), criadas por sua sociedade (CASTORIADIS, 2002, p. 20).

Antes mesmo de considerar a importância do núcleo no interior do qual rebenta um pequeno humano, será preciso atentar para as circunstâncias que envolvem o seu nascimento. A relevância do tema deve estar clara; assim, aquela intensidade indeterminada — “[...] o que é nunca o é de tal modo que exclua o surgimento de novas formas, de novas determinações” (CASTORIADIS, 2002, p. 126) — passa a ser comprimida desde a saída do ventre materno. Há, portanto, uma “individualidade biológica” reduzida a “uma reivindicação normativa” que retroage até os primeiros minutos do “pequeno monstro” sobre o planeta.

Estar no mundo

Castoriadis, então, apresentará um desafio perturbador. Pendido sobre o berço do recém-nascido, o “mundo do consumo contínuo, do cassino, da aparência” é capaz de penetrar

V o que custa o virtual?

e se transmutar na própria família, “atingindo o indivíduo desde suas primeiras etapas de socialização” (CASTORIADIS, 2002, p. 154). Em um grupo surgido no interior de uma rede social, dedicado às vicissitudes da maternidade, correm as últimas informações sobre produtos identificados como “*low poo*” ou “pouco shampoo”. Ao que parece, certos shampoos ressecam os fios, daí os condicionadores. Mas os condicionadores deixam resíduos e é preciso fazer uso do shampoo para remoção das impurezas. Então o shampoo resseca as camadas de cabelo e *ad eternum*. Roland Barthes antecipa um quase correlato em suas “Mitologias”, obra lançada na década de 1950. Ocupado com a publicidade de detergentes e produtos de beleza, o semiólogo francês escreve:

Já mencionei que, hoje, a publicidade dos detergentes se orienta essencialmente para uma ideia da profundidade: a sujeira já não é arrancada da superfície, mas expulsa dos seus mais secretos esconderijos. Toda a publicidade dos produtos de beleza se fundamenta, também, numa espécie de representação épica do íntimo (BARTHES, 2015).

Desdobrados, esquartejados, examinados, classificados — haverá, para sempre, um bem de consumo capaz de abrandar a falta daquilo que nunca antes fez falta. Por outro lado, Castoriadis aponta para os progenitores como a personificação da história e da própria sociedade. São eles os personagens capazes de fornecer à criança “pólos de identificação, simplesmente sendo o que são”. E, aqui, um imbróglgio crucial — saber quem somos quando unidades individuais e como parênteses responsáveis por um terceiro; e, mais relevante, como escapar dos tentáculos do consumo.

O autor, ainda, atribui à comunicação o papel de instrumento fundamental de socialização e transferência de significações (CASTORIADIS, 2002, p. 154). O desafio, por fim, é transformado em uma rara oportunidade: a criança torna possível acompanharmos a filogênese —, sobretudo a filogênese da comunicação —, em uma escala espaço-temporal viável, o átimo de uma vida.

Se nos voltarmos para as investigações filogenéticas da comunicação e, conseqüentemente, para a socialização do pequeno humano, defrontaremos o princípio da comunicação primária, qual seja, “corpo pede corpo” (BAITELLO jr., 2012, p. 106) — ou, dito de outro modo, “toda comunicação inicia no corpo e termina no corpo” (PROSS apud

V COMcult

o que custa o virtual?

BAITELLO jr., 1999, p. 5). A espaço-temporalidade determinante do fato concreto, mencionada no primeiro parágrafo do presente artigo, ganha aqui caráter fundador de todo e qualquer modelo de comunicação, “a partir do ritmo dado pelo movimento entre carência (fome ou desconforto, frio ou dor) e saciedade (amamentação e aconchego)” (BAITELLO jr., 2012, p. 106). Alcançamos, então, o movimento fundador para o estabelecimento dos vínculos responsáveis pelo desenvolvimento dos primeiros “sistemas de representação simbólica, abstratos como a linguagem” (BAITELLO jr., 2012, p. 106) — falta e preenchimento, carência e abundância.

A falta é um sentimento corporal. Quando nos falta alguma coisa, é nosso corpo o primeiro a registrar essa falta. E a falta de pessoas que se ausentam para sempre ou por um tempo é justamente aquela que mais grita dentro de nós. Se o corpo pede corpo é não é atendido, criam-se mecanismos para que ele se contente com o que recorda o preenchimento de sua carência (BAITELLO jr., 2002, p. 105).

Os vínculos, assim como Antonio, são “coisa viva”, e precisam ser alimentados. Amarramo-nos em nós comunicativos para nos apropriarmos — ou nos alimentarmos, antropofagicamente — do outro. Tal apropriação, por sua vez, se dá através da sincronização do espaço e, sobretudo, do tempo do outro ao nosso. Ora, podemos, então, definir a comunicação como sincronização social, e afirmar que, através dela, “são transferidas as significações da sociedade” (CASTORIADIS, 2002, p. 154).

A consciência de que pai e mãe, cultura e sociedade, debruçados no berço do recém-nascido não estão simplesmente cumprindo um destino (PELBART, 2014), mas podem — e devem — pensar a complexidade de cada micro-decisão cotidiana (gestar, parir, amamentar, acolher, delegar, substituir), como potencial replicadora do esvaziamento subjetivo evocado pelo mantra ter, consumir, usufruir, pode ser um importante ponto de partida. Ao nos recusarmos a seguir os “scripts de roteiros pré-fabricados” (PELBART, 2014), confrontamos a obturação da imaginação, a homogeneização e a “simplificação da vida, das sensações, das experiências, dos sentimentos, das emoções (BAITELLO jr., 2012, p. 128)”.

Talvez não tenhamos uma resposta definitiva para a questão evocada por Castoriadis, porém, nossas reflexões apontam para o afeto e o corpo, sua complexidade e espaço-temporalidade, como elementos fundamentais no estabelecimento dos vínculos capazes de

V COMcult

o que custa o virtual?

promover ou “reativar certa afetabilidade, ou seja, a capacidade que as pessoas ainda têm de serem afetadas e afetarem-se” (PELBART, 2014). A saída do labirinto constituído pela crise no processo de identificação e esvaziamento do imaginário coletivo parece estar na materialidade do nascimento de Antonio.

Relato de parto

Para começar pelo começo, seria preciso involuir até a primeira consulta de pré-natal. Instalado num belo e confortável aposento no bairro de Perdizes, o senhor médico obstetra, cujos honorários foram pagos pelo plano de saúde, relatou que as mulheres da contemporaneidade não cobiçam partos naturais ou normais. Não cobiçam em razão do combo episiotomia/laceração/bexiga frouxa/vagina sem tônus/circulares autômatas/porções assassinas de mecônio e outros procedimentos/desdobramentos considerados inescapáveis. Há uma série de questões aqui implicadas. De saída, seria preciso compreender quem são, dito de outro modo, *do que são feitas* as chamadas “mulheres da contemporaneidade”. Elisabeth Roudinesco, no livro *Por que a psicanálise?*, aclara um importante lugar de análise.

Só se interessa [a sociedade depressiva] pelo indivíduo (...) para contabilizar seus sucessos, e só se interessa pelo sujeito sofredor para encará-lo como uma vítima. E, se procura incessantemente codificar o déficit, medir a deficiência ou quantificar o trauma, é para nunca mais ter que se interrogar sobre a origem deles (ROUDINESCO, 2000, p. 42).

Significa dizer que o “indivíduo” médico é alçado ao posto de tutor legal e socialmente reconhecido de corpos outros, de um “sujeito sofredor” incapaz — ela própria, a mulher *assujeitada* — de deliberar sobre a origem da sua escolha, se parto normal ou cesariana. Não é possível assegurar que, tendo avaliado todas as consequências de uma e outra modalidade de nascimento, aquela mulher tenha decidido pelo bisturi. A independência do juízo acerca das coisas do mundo depende, de modo necessário, do pensamento

V COMcult

o que custa o virtual?

autônomo⁹, da razão capaz de identificar seus vértices de determinação, quais sejam, as forças que a compelem a pensar aquilo que, efetivamente, é pensado.

Castoriadis, por sua vez, chama “subjetividade” à “instância reflexiva e deliberante” erguida sobre a “imaginação radical” (CASTORIADIS, 1997, p. 1). No Brasil, nove em cada dez nascimentos realizados via plano de saúde são operações cesarianas — uma das maiores taxas do mundo (MILAN, 2011). O que narram os números sobre as experiências de nascimento transcorridas em centros cirúrgicos brasileiros? O que as boas vindas hospitalares — repletas de metais tilintante e lâmpadas incandescentes e esfregões e medições e berçário e a solidão sustentada pela separação mãe-bebê etc. — dizem sobre as subjetividades surgidas desde interferência de um corpo clínico sobre corpos de capacidade imaginativa embrionária?

Diante da informação que circula, apenas, entre remediados e bem-nascidos, diante do discurso médico e das demais mediações, sobretudo midiáticas (a televisão chamada “aberta”, os jornais, as revistas, o rádio etc.), a rubrica “cesariana” é desenhada debaixo dos diagnósticos mais excêntricos sob o pretexto salvacionista do saber médico. Assim, a mulher deve escolher entre parir com saúde ou com sequelas, entre ter um filho saudável ou morto; nenhuma “imaginação radical”, convenhamos, sobrevive a tamanha violência obstétrica, à política perversa de silenciamento do gênero, ao depauperamento do simbólico.

Desde os gens, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade, tudo isso foi violado, invadido, colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes, quer se evoque as ciências, o capital, o Estado, a mídia” (PELBART, 2015).

Então, por ocasião de uma segunda consulta pré-natal, a esposa do senhor médico obstetra — também médica e *instrumentadora* — alcançou nos braços da mãe do Antonio o livro “Parto Normal ou Cesárea”, autoria da Ana Cristina Duarte¹⁰ e Simone Grilo Diniz. Confessou ter realizado inscrição, à paisana, num curso para formação de doulas, a fim de descobrir-lhes a alquimia. Disse conhecer, “de nome”, a “mulher do livro”, a autora, e sugeriu

⁹“Eu direi que uma sociedade é autônoma não somente quando sabe que faz as suas leis, mas quando está em condições de questioná-las explicitamente. Da mesma forma, direi que um indivíduo é autônomo se ele pôde instaurar uma outra relação entre seu inconsciente, seu passado, as condições nas quais vive— e ele mesmo enquanto instância reflexiva e deliberante” (CASTORIADIS, 2002, p. 187).

¹⁰Ana Cristina Duarte é obstetritz, educadora perinatal, palestrante na área de humanização da assistência ao parto. Foi a parteira responsável durante o trabalho de parto que trouxe Antonio ao mundo.

V COMcult

o que custa o virtual?

que os pais tivessem cuidado com as ideias ali contidas. Despediu-se com a seguinte frase: “Estarei no parto, até lá”. A médica *instrumentadora* estava certa de que estaria presente no centro cirúrgico, ainda que ela nunca tivesse depositado os olhos sobre o prontuário daquela gestante. A médica *instrumentadora* estava certa de que os pais haviam sido capturados pela redoma normativa de seu plano de saúde, 97,2% de partos cesáreos (ANS, 2015), em 2013, segundo a ANS. A médica *instrumentadora* e seu marido obstetra haviam decidido pela intervenção, ainda que o assunto sobre a via de nascimento não tivesse sido abordado.

Em razão de serem conhecidas as operações cesarianas, não serão descritos os procedimentos que culminam com o nascimento via incisão abdominal. É preciso dizer, entretanto, que hospitais e maternidades brasileiras, em geral, respeitam um inflexível protocolo. Um pedaço de tecido é erguido entre a mãe e a futura cria. Seguem-se ruídos metálicos e o apito de monitores cardíacos. Um ou mais bebês surgem por trás do pano e uma enfermeira acomoda a criança ao lado do rosto da mãe — é a hora da imagem que estampará as páginas redes sociais digitais. O recém-nascido ruma em direção ao berçário. É, finalmente, aspirado, auscultado, medido. Lavado, segue para a vitrine de exibição atrás da qual familiares empunham *smartphones* e câmeras fotográficas.

Evidente, a tal médica *instrumentadora* nunca participou do nascimento de Antonio.

Antonio nasceu quando estava pronto.

Antonio esteve pronto para nascer depois de trinta horas de trabalho de parto, vinte e seis delas em casa.

Antonio escapou para fora do útero da mãe e foi amparado pelo pai.

Antonio foi amamentado durante sua primeira hora de vida e permaneceu 24h com o vênix caseoso cobrindo-lhe o corpo.

O pai e a mãe de Antonio devotaram-lhe um nascimento antropológico, por assim dizer, esquecido das prerrogativas implicadas no discurso médico — a mulher não foi tocada ou perturbada sem consentimento durante seu fazer nascer e todas as determinações do casal, rascunhadas num documento legal chamado “plano de parto”, foram respeitadas. A espécie particular de indivíduo gerado no interior de agrupamentos humanos não deve ser delegada para instituições quaisquer ao preço de assistirmos ao nascimento de indivíduos cujos

V COMcult

o que custa o virtual?

próprios corpos são meros espaços de disputa biopolítica. É preciso restabelecer o vínculo e concentrar-se no “pequeno monstro”,

[...] obstinado, cabeçudo, indomável, diferente de qualquer vida orgânica: com uma criancinha já se tem uma relação pessoal orgânica, mas não com o bebê, que concentra em sua pequenez a energia suficiente para arrebentar os paralelepípedos (o bebê-tartaruga de Lawrence) (DELEUZE apud PELBART, p.13, 2015).

Referências

- AMORIM, Melania. Estudando episiotomia. Disponível em: <http://estudamelania.blogspot.com.br/2012/08/estudando-episiotomia.html>. Acesso em: 04 de set. 2015.
- ANS. Taxa de partos cesáreos por operadora de plano de saúde. Disponível em: <http://www.ans.gov.br/planos-de-saude-e-operadoras/informacoes-e-avaliacoes-de-operadoras/taxas-de-partos-cesareos-por-operadora-de-plano-de-saude>. Acesso em: 15 de jul. 2015.
- BAITELLO jr., Norval. **O pensamento sentado. Sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2012.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/54238/mod_resource/content/1/BARTHES-Roland-Mitologias.pdf. Acesso em: 08 de set. 2015.
- BRUNO, Giordano. **De la magia e De los vinculos en general**. Buenos Aires: Cactus, 2004.
- CASTORIADIS, Cornelius. Poder, política, autonomía. Disponível em: <http://www.cuestiondepiel.com/castoriadis.PDF>. Acesso em: 15 de jul. 2015.
- _____. **A ascensão da insignificância**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FLUSSER, Vilém. Ensino Estético. Texto inédito, preservado no Arquivo Flusser, Berlin, escrito em 1989.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mimese na cultura. Agir social. Rituais e jogos. Produções estéticas**. São Paulo: Annablume, 2004.
- GRASS, Günter. **A ratazana**. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MILAN, Pollianna. Nove em cada dez partos feitos por planos de saúde são cesáreas. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/nove-em-cada-dez-partos-feitos-por-planos-de-saude-sao-cesareas-adjpeb0ynifxrlggwc3mlhi6m>. Acesso em: 15 de jul. 2015.
- MORIN, Edgar. *Cultura↔Conhecimento*. In: **O olhar do observador. Contribuições para uma teoria do conhecimento construtivista**. WATZLAWICK, Paul; KRIEG, Peter (Orgs.). São Paulo: Editora Psy II, 1995.
- _____. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis, 2000.
- PELBART, Peter Pal. Vida e morte em contexto de dominação biopolítica. **IEA USP**. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>. Acesso em: 04 de set. 2015.
- _____. Entrevista com Peter Pál Pelbart. **SESC-SP**. Disponível em http://www.sescsp.org.br/online/artigo/8624_PETER+PAL+PELBART#/tagcloud=lista. Acesso em: 09 de set. 2015.

V COMcult

o que custa o virtual?

PORTAL BRASIL. Governo anuncia medidas para reduzir cesarianas desnecessárias. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2014/10/governo-anuncia-medidas-para-reduzir-cesarianas-desnecessarias>. Acesso em: 15 de jul. 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SAÚDE, Ministério da. Parto normal: entenda a utilização do partograma. Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/570-perguntas-e-respostas/35079-parto-normal-entenda-a-utilizacao-do-partograma>. Acesso em: 04 de set. 2015.

VARGAS, Valentina Buló. Materialidad de los vinculos: pensar la afectividad con Giordano Bruno, 2013.